





**MAXILAR  
VIRIL**



Dramaturgia de Amaury Borges

realização

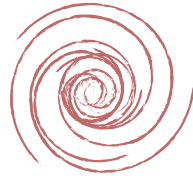
**MALDITACIA**  
DE  
INVESTIGAÇÃO  
TEATRAL

patrocínio



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Todos os direitos dessa obra são reservados exclusivamente ao autor  
mais informações: [www.malditacia.com](http://www.malditacia.com) | [malditaciateatro@gmail.com](mailto:malditaciateatro@gmail.com)



MAXILAR VIRIL é uma transcrição do conto “História do lagarto que tinha o costume de jantar suas mulheres”, do escritor uruguaio Eduardo Galeano. Foi encenado pela primeira vez em 26 de Junho de 2014, no teatro Klauss Vianna, em Belo Horizonte, pela Maldita Cia de Investigação Teatral, com a seguinte equipe:

# equipe da primeira encenação

## CONCEPÇÃO

Maldita Cia de Investigação Teatral

## ATUANTES

Elba Rocha, Fernando Barcellos, Lenine Martins, Amaury Borges

## DRAMATURGIA E DIREÇÃO

Amaury Borges

## CONSULTORIA DRAMATÚRGICA

Renata Emrich

## DIREÇÃO MUSICAL

Sérgio Andrade

## MÚSICOS ATUANTES

Admar Fernandes, Sérgio Andrade, Christiano de Souza

## ELETROACÚSTICA

Admar Fernandes

## IUMINAÇÃO

Felipe Cosse e Juliano Coelho

## CENOGRAFIA E FIGURINOS

Maldita Cia Teatro

## ASSESSORIA PARA OBJETOS DE CENA, FIGURINOS E ADEREÇOS

Igor Godinho

## ADERECISTAS

Jônatas Campos e Camila Polatscheck

## COSTUREIRA

Lenir Rocha e Maria Guiomar da Silva

## FOTOS

Alex Stoppa, Guto Muniz

## VÍDEO

Laboratório Filmes / Davi Fuzari

## COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Fernando Barcellos

## PRODUÇÃO EXECUTIVA

Mariana Câmara e Ronaldo Janotti La Caffetteria Produções

# MAXILIAR VIRIL

1. A Família
2. O Teatro do Milagre
3. Cena do Acasalamento
4. Cena do Amor
5. Cena da Procura
6. A Família

# personagens

América – mãe

Dulcídio – filho

A atriz que interpreta América

O ator que interpreta Dulcídio

O pai

O marido

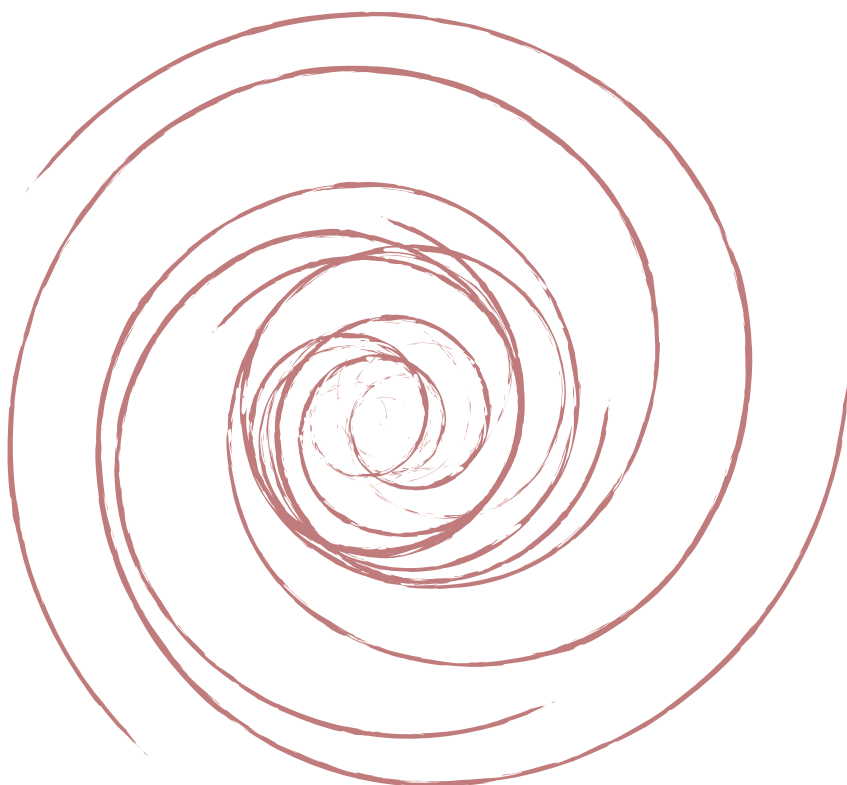
Seu Faquir

Doutor parteiro

A noiva

A nova noiva

A Estrangeira



mãe comeu pai,  
o amor comeu meu homem,  
logo me comeu.



No teatro circular.

Um rio quase morto. Na margem uma velha geladeira e uma cama com um defunto. Uma viúva parada na beira do rio. Cheiro forte. 12:00h, calor.

Ao fundo escombros de uma casa...

## 1. A FAMÍLIA

### AMÉRICA

América, ela era a mãe, outrora esposa. Filha de um deus desgraçado e macho.

PARADA NA BEIRA DO RIO APODRECIDO.

Na margem paus podres, ossos, ossos e véus encardidos, apodrecidos véus de filhas de mães tristes. Leito fino de rio. Grosso caldo escorre prum mar longe, onde a chuva o rio levou. América não consegue mais lembrar como é o mar.

12:00 horas, sol alto e o pote quebrado.

Lar, escombros é o teu sobrenome. Carcaça, América abraça a geladeira.

O fedor, merda, mijo.

Meu peito seco lhe dou. Mama!

Embora melhor fora que assim não fosse: ela era a mãe.

Este infeliz, que os senhores veem, foi parido deste ventre. Não! Os senhores não, mas todas as mães do mundo sim. Compreendem! América faz o papel da mãe... Não basta parir, carece ampará-los...!

Mãe espera com o filho, mãe fica com filho.

Mãe diz, meu filhinho, mama!

Portanto, senhores, sejamos honestos. Nenhuma piedade! Mama porra! Bate com força na lataria ferruginosa. E rebate, como quem recebe o soco no estômago, sentenciando: Ela se foi! Ela não vem! Ta entendendo, seu merda?

O dormilão não dorme, o comilão não come. A alcova de Dulcídio já não é o feliz santuário onde repousava amparado por suas finadas esposas.

As fotos delas continuam ali, América caminha até a casa, cobrindo as paredes de alto a baixo, com suas molduras em forma de coração e suas grinaldas de jasmims; mas Dulcídio, condenado à solidão jaz afundado nas cobertas e na melancolia. Médicos e curandeiros acodem vindos de longe, e nenhum consegue nada diante do voo da febre e da queda de todo o resto.

Ela volta pra fora. Bato com pedaço de pau na carcaça. O macho meio homem meio besta sai da Brastemp tombada.

## DULCÍDIO

Quem sabe uma notícia, um recado... Mas, não! Grudado na geleira da paixão congelei o peito, vê? Cai desfalecido. Coração iceberg!

Às moscas e ao zumbido do Philips, que comprei de Seu Turco que costumava a passar por aqui, Dulcídio pena suas noites e seus dias suspirando e escutando canções fora de moda.

## AMÉRICA

Desliga essa merda, filho da puta! Entendem, agora? América consola; vem!

## DULCÍDIO

*(O ator desloca em direção ao rio)*

Eu era Dulcídio, aquele que o rio não conservou. Filho malsão de um opulento macho que herdeiro não tinha. Cuspo na América e no seu homem morto. Com o coração triste, Dulcídio senta-se à beira rio consumido. A mãe põe o peito pra fora. Embora melhor fora que assim não fosse: ela era a mãe.

AMÉRICA

A conta é essa!

DULCÍDIO

Hum! Esse tá seco! Dulcídio, aí, põe a boca no outro peito.

Ah! Tá seco, caralho!

AMÉRICA

Eu tinha um Dulcídio, até que uma estrangeira o herdou! A matemática é essa.

DULCÍDIO

Tu tinhas um filho, até que um herdeiro o matou! Que matemática é essa?

AMÉRICA

Dirigindo-me a Dulcídio: Tu também tinhas uma herança, até que um Dulcídio a matou!

DULCÍDIO

Pois é! Tu também tinhas um Dulcídio, até que uma estrangeira o herdou!

## AMÉRICA

Judia, filho da mãe, Judia! Por que não inventam, América num torpor de pensamento, um deus que faça uma mãe que possa um filho odiar.

## DULCÍDIO

Uma notícia, tentando escutar o Philips, um recado, uma carta. Mas, não! Que ódio! O endereço de Dulcídio é aqui, está surda? Não se sabe pra onde vai quem muito amou. Na digestão desse manjar funéreo vaguei um século.

O ciclo parou.

Cresce musgo na sua ressecada couraça.

A alma de bicho tomou conta da carne deste Adão patológico que vos fala.

Olha! O paraíso ruiu, faliu.

A fêmea escapou. Escafedeu-se.

Olha! Apodreceu o que daria fruto.

Ele tem fome! A voz quebrada e alarmante tendência à rima, sussurra homenagens à dama que lhe roubou a calma e alma.

## AMÉRICA

Acabe com esse teatro. Sua puta não virá! Desde que a viu, Dulcídio a vê.

Olha! Ele não me vê.

## DULCÍDIO

E não vê mais nada. Agora suplica; sou um mendigo do amor. O que mais sou?

Volta verme! Volta para alcova de todas as espécies de sofrendores e carentes.

Quem sou? Dulcídio, trágica festa emocionante? Eis-me senhores!

Já me viram, podem voltar para seus lares. O ator está mal. Não haverá drama.

Já disse, o circo parou!

Machos presentes, aliviái vossos escrotos, por que essa noite, mais uma vez, a

dama não virá. A PARTNER... Dulcídio tenta articular um gesto vago e dolorido.

Luz na plateia, Seu Controlista, e geral no picadeiro. *(gritando para a técnica)*



## 2. TEATRO DO MILAGRE

### O ATOR QUE INTERPRETA DULCÍDIO

*(O ator volta ao rio, pega o velho livro enrolado num véu)*

Fiat lux. Manhã. Pois, bem! São exatamente 11h53min. Daqui a 7 minutos, precisamente os senhores presenciarão um milagre.

No barranco do rio, oposto a Usina de cana de açúcar, oculta pelos juncos, uma mulher está lendo. Espera! O livro! Os óculos! Venha, você faz a estrangeira.

### A ATRIZ QUE INTERPRETA AMÉRICA

A estrangeira! Sentada na areia fininha, o brilho do dia e da água límpida da manhã no meu rosto rubro, os pés nus guardados debaixo de sete saias de balão, está estando, estando sempre.

Ela põe os óculos. O livro conta, tudo era assim: Um único dono, um senhor de vasto senhorio. A começar da aldeia de Lucanamarca e a terminar para lá e para cá do sumir das vistas. Os animais marcados e os não marcados, as pessoas mansas e as zangadas, tudo: o cercado e o baldio, o seco e o molhado, o que tinha memória e o que tinha esquecimento. Dono de tudo.

## O PAI

O pai! O pai está morto. Agora, eu sou o pai.

Com dificuldade, o opulento proprietário ergue-se do leito da agonia. Mulher, a última súplica desse moribundo, não pode negar. A conta é essa: exijo o varão macho para herdar a totalidade da alíquota.

## A ESPOSA

Marido, a triste figura de sua esposa roga todos os dias mil simpatias, coitada, a santo de tudo quanto é crença. Sua mulherzinha faz promessas, fez mandinga para a vinda dum filho, meio cara minha, meio cara sua. A alegria do lar.

Nossa senhora das tristezas, por misericórdia, escuta!

Só se for milagre.

## O ATOR QUE INTERPRETA DULCÍDIO

Pára tudo, vai precisar de mais gente. *(para a técnica)* Controlista chama Seu faquir lá dentro!

Música para entrada do Seu faquir. Trombone. O esquálido...



## SEU FAQUIR

Eu era o parteiro.

## ATOR QUE INTERPRETA DULCÍDIO

Parteiro, não. Doutor!

## SEU FAQUIR

Doutor parteiro então. *(para a técnica)* Trombone Seu Controlista. É aqui que eu entro em cena, diz o doutor.

Tomando o livro. De primeiro, tem o senhor que se diz dono de tudo quanto há.

Da aldeia de Lucanamarca e de todas as outras que a memória pode lembrar.

Mas não tinha aquilo tudo, quem herdar.

Bom, o restante da trova todo mundo sabe. Fecha o livro.

## DOUTOR PARTEIRO

Quando o doutor abre a porta do quarto, encharcado de suor...

## O PAI

O pai com um charutão na boca e, um sorriso de lagarto, diz;

Saco roxo, cara do pai, não doutor?

## DOUTOR PARTEIRO

O doutor saca, do bolso ensebado, UMA 51 e, bate dois tragos, BEM CALIBRADO. Arranca do bolso de trás da calça a LATINHA DE RAPÉ, CAFUNGA O BIGODINHO ESCURO, saca do outro bolso o lenço encardido, espirra forte, assua as fossas nasais, E ANUNCIA INTERROMPENDO A CERTEZA DO PAI...

## O PAI

E então, tudo bem?

## DOUTOR PARTEIRO

Belém... Belém... Belém! Trombone. Chegou o macho encomendado, tirado do ventre da mãe e da força implacável da natureza, por essas mãos miraculosas. O anjo troncado...

## O PAI

Troncudo?

## DOUTOR PARTEIRO

O Anjo! O troncudo é meio gente e o resto lagarto, diz o doutor, e emenda: O bichinho é lindo de morrer.

## O PAI

Mesmo fraco, ao pai, a última palavra, cabe: eis o milagre da perpetuação da espécie. Feito! 12h00. Está escrito: é quando o herdeiro nasce que o pai morre.

## DOUTOR PARTEIRO

E como os caríssimos presentes sabem, o morto vai continuar ali na sala.

Eternizado cristão. Veste o defunto! Pronto, um júbilo!

O menino tem cara de gente! Sai o esquálido Seu Faquir. E corpo de lagarto.

*(O milagre: O rio ri)*

## DULCÍDIO

Dulcídio no colo de América saem porta a fora e no colo da América Dulcídio era feliz. Livre. Libre!? O anjinho tem cara de gente e corpo de lagarto.

O colo quente da mãe é o rio. A criança rola barranco abaixo.

Suor. Placenta, secreção orgânica. Suco, caldo, seiva, saliva...

Mergulha no rio de bolhas refrescantes. Rio-cheio-de-água, rio-cheio-de-graça.

Estala a couraça avermelhada no lombo e verde-azulada na cauda prodigiosa.

Encharcado o corpo, o cabelo molhado da mãe. Água-de-rosa, água-de-cheiro,

Algas lambem licorosas o corpo febril do menino, água viva, água destilada,

antiséptica água sem mágoas, água doce, água de barita, água de bromo, água

de cal, água de cloro, lágrimas de risos, raio do sol vasa alegre o leito. Sem

mácula água. Másculo. Chuva-e-sol, casamento-de-espanhol. Viril! Água do

monte verte água.

Com água na boca, água de javel, água-de-oxalá, água-de-louro-cereja, água

branca, água dura, água lisa, água lustral, água meteórica, água natural, potável,

cachaça do menino primeiras águas. Varão!

Águas coláticas, águas continentais, água lacustres, águas passadas, água

termal, água doce, água-virgem, água-de-flor, água-de-colônia, águas serenas.

Bom como água, claro como água, o mergulho na água boa faz estalar a couraça do ventre, das costas, das axilas, da virilha, como que em pote seco, virgem.

Ahhh!

Lava leve lembra lua nova estrela cadente faça um pedido pega-pega esconde-esconde de manhã cedinho comida de vó fruta-pão pão quentinho.

Lavanda baby Johnson & Johnson. No irrita la piel, baby!

As horas. A água límpida refestela suave na pele do rosto liso de doce ternura.

Volta à tona banhado de musgos verde-oliva brilhante-diamante. As horas... A tarde desmaia!

Lusco-fusco de cinema.

## AMÉRICA

América assiste com os olhos cheios d'água. América rio, ria!



### 3. CENA DO ACASALAMENTO

DÚLCIDIO

Aos dezoito anos, exige: Preciso de mulher!

AMÉRICA

A viúva consegue uma para ele. Uma novinha em folha terá.

DULCÍDIO

Virgem! Viva a viúva!

AMÉRICA

Antes, é necessária a despedida, de menino pra macho feito.

Uma festa!

Venha filhinho, ajude a tirar as calças, o paletó do pai, tira o paletó do pai ausente. América se veste.

O rádio, liga o rádio.

A lua leitosa, Seu Controlista, acende a lua!

Vida! Longa vida!

*(O casamento e a lua de mel)*

### A NOIVA

A noiva de joelhos entrando. Católica, apostólica romana, filha da virgem Maria da (+).

Pompa, a noiva cheia de graça arrasta seu longo véu branco, mais branco, bendito sois vós, a celebração do casamento, merece pompa!

Até que a morte nos separe filhinho. Põe o anel.

### DULCÍDIO

Tira o véu! Deus te ouça. Ela é tão tímida. Que pele alva!

### A NOIVA

Cuidado, vou ficar vermelha...

### DULCÍDIO

Carmim me enche a boca d'água. Eis Dulcídio à mesa, à sofreguidão do estômago. Tô com fome!

## A NOIVA

Calma, filhinho, tá com fome? Deixa a esposa tirar o véu... O suor me ensopa o cheiro. Me lavar, ensaboar... Rezar. Amém!

## DULCÍDIO

Mais a carne que a alma, benzinho, Dulcídio refestelava. Amém!

## A NOIVA

E quando ela entra no quartinho, perfumada de Natura.

## DULCÍDIO

E quando ela deita no Kig-syze de molas, range, crocodila Dulcídio. Oh! Natureza!

## A NOIVA

Silenciosa, untada de óleo, desenrola a toalha molhada, sem pressa.



## DULCÍDIO

A presa, nervoso atrita a mandíbula, a presa.

## A NOIVA

A virgem, pronta para o abate, revira os olhinhos infantis e apressa:

PELO AMOR DE DEUS, RAPAÇ, ME COME!

## DULCÍDIO

Na primeira noite, noite de lua, o lagarto lançou-se sobre sua esposa e devorou-a.

O sol! 12h00, sol quente despontou. No leito nupcial empapado de suor sobrou um viúvo dormindo, rodeado de ossinhos.

Mãe! Gritou o glutão, quero outra, quero mais mãe!

Noivas é o que não falta nas casas pobres, sempre há uma filha sobrando em Lucanamarca. E noiva nova veio. A cena se repete todos dias, todas as horas.

Veio outro casamento, e mais devoração.

## A NOIVA NOVA

Na banheira, desce a outra noiva. Pompa! O radinho, liga o radinho. Nem careço me lavar. Pai lavou. Amém!

## DULCÍDIO

A carne desce mergulhada em 50 litros de leite. Quanto desperdício! Vem roliça.

## A NOIVA NOVA

A nova esposa está pronta para o pecado da carne, atixa! Amém!

## DULCÍDIO

Menos a alma, amém, mais a carne, minha filha. Amém vem.

## A NOIVA NOVA

Apaga a Osram e me come, filho da puta!

## DULCÍDIO

Mamãe! Dulcídio urra!



## 4. CENA DO AMOR

*(Na outra margem do rio)*

DULCÍDIO

Néctar da eternidade. Dulcídio mergulha. Cristalina alva água que limpa, que cura. Útero que me banha, que lava o corpo macho viril. Mais, mais, sorri largo o lagarto. Na outra margem, com a barriga acariciada pela água, Dulcídio dorme a sesta. Quando abre o olho, o batimento cardíaco do réptil vai a mil.

Vê a mulher que lhe roubará a calma e alma. Ela não me viu!

A ESTRANGEIRA

A mulher está lendo. A estrangeira vê e lê aquela figura estranha.

DULCÍDIO

Ele nunca havia visto, na vida, uma mulher de óculos. Hei! Dulcídio aproxima o nariz. O que está lendo?

A ESTRANGEIRA

Nunca viu? exercito o silêncio dos prontos para o bote.

Ela afasta o livro e olha para ele, sem susto. Lendas o que ela lê.

DULCÍDIO

Lengalengas o que ela lê? A estranha é estranha, sei lá! Lendas?

A ESTRANGEIRA

Lengalengas. Vozes! O estranho tem dedos feito garras, não deve poder escrever, coitado. Velhas vozes!

DULCÍDIO

Não parece da serra, hesitante, nem água do monte, nem do litoral. Eu também sei ler, diz.

A ESTRANGEIRA

A mulher fecha o livro e vira a cara. Desdiz. Desaparece. Sai de cena. Quebra o jogo.

DULCÍDIO

Quem é? De onde veio? Dulcídio fica ali. O rio de correr para, tudo para. O coração do tamanho de um pulso do atleta das águas, para. Espero? Ela virá.

## A ESTRANGEIRA

No domingo seguinte ela está lá. Sem livro, mas de óculos escuros. Veja! Voltei.

## DULCÍDIO

Ela veio! Olha quem vejo! Camuflado e esperto pro próximo lance. Ora, ora! Você por aqui? Sem livro? Jogo de cena, crocodila Dulcídio.

Dulcídio põe as coisas em seu devido lugar. Ergue uma pata unhada e passeia essa pata sobre o horizonte de montanhas azuis. Até onde chega os olhos, até onde chega os pés. Sou eu o dono. De tudo.

## A ESTRANGEIRA

Babaca! Pobre de quem não consegue ver além da sua praia. De tudo? Permanece calada. A areia intumescida...

## DULCÍDIO

Também do pedaço de areia onde está sentada. Você pode: eu deixo, concede.

## A ESTRANGEIRA

Ela começa a fazer sua longa trança de cabelo negro dançar, como quem ouve chover.

## DULCÍDIO

Seco de desejo, já antegozando a presa, o réptil esclarece: Dulcídio é rico, mas humilde, um cavalheiro com a intenção de fazer herdeiro. Delícia! Lambi até os ossos.

Mas o destino cruel quer que Dulcídio termine sempre viúvo. Só!

## A ESTRANGEIRA

A carne! Delícia de mistério, reflete. Que Mistério você herdou! Inclina a cabeça e medita com cuidado para não vacilar.

## DULCÍDIO

Cuidado, vou ficar vermelho. Dulcídio vacila! Posso pedir um favor?

## A ESTRANGEIRA

E chega perto oferecendo o lombo. Vem filho da puta. Favor? O dono de tudo!?

## DULCÍDIO

Coça minhas costas, suplica, porque eu não alcanço. A estranja vai fugir...

## A ESTRANGEIRA

A presa vai escapar. Ela estende a mão, acaricia a couraça ferruginosa e elogia:

Seda, macio feito seda.

## DULCÍDIO

Estremece Dulcídio e fecha os olhos e abre a boca e sente o que nunca havia sentido. Mas quando vira a cabeça, procura, arrasta-se...

## A ESTRANGEIRA

Ela não está mais ali... E nem herança deixou.



## 5. CENA DA PROCURA

*(Escuro total. Durante 7 minutos ouve-se Dulcídio procurando até o silêncio profundo)*





## 6. A FAMÍLIA

### AMÉRICA

12h00. O sol arde!

Um rio quase morto. Na margem a velha geladeira, nela o filho desgraçado de amor devorador. E lá, a cama com pai, o júbilo. Cheiro forte... Ao fundo escombros da casa...

A espera carcomida, os dias, as horas, os anos carcomidos. Carcomida a viúva de guarda-sol, parada na beira do rio, que de óculos lê.

### DULCÍDIO

Banhado em lágrimas, a fome, sai da Brastemp.

Ele a vê. É ela. Os óculos, o guarda-sol. Ela voltou! Vê?

Cego de paixão atira-se aos pés da desdenhosa e esquiva, confessa que de fome está morrendo pelo seu mel, sozinho no leito desse mundo cruel.

### AMÉRICA

Num esforço de mãe, vai até o pai, solenemente passa a mão nos olhos do morto. América ameaça um riso.

## DULCÍDIO

Te esperando. Te lembrando, te ofereço meu anel água da minha mágoa.

## AMÉRICA

América sorri. Merece pompa o matrimônio. Lucunamarca ri quando um filho seu casa. Cidra, estouro uma Cidra?

## DULCÍDIO

Rios de ponche, Dulcídio excitado, correm debaixo dos ramalhetes de flores.

## AMÉRICA

Cuidado, acho que vou ficar rubra.

## DULCÍDIO

Pele nova, avermelhada no lombo e verde azulada na cauda prodigiosa...

## AMÉRICA

Dulcídio estreia pele nova. Seda, macio feito seda.

DULCÍDIO

Sedo-te meu coração, pisa-o sem compaixão.

AMÉRICA

Larga mão de ser babaca, filhinho. Deixa de besteira. O rádio...

DULCÍDIO

Ela... Ele liga o rádio. Acho que vou ficar vermelho....

AMÉRICA

Num puxão, desembainha e joga a pele de Dulcídio no chão.

E abraço o corpo nu, e faz gemer. Hum!

DULCÍDIO

E faz urrar. Mamãe!

AMÉRICA

E faz lágrima verter dos seus olhinhos infantis.

DULCÍDIO

Depois, Dulcídio dorme profundamente e sonha pela primeira vez na vida.

AMÉRICA

América se recompondo.

Escuta: sua puta não virá! Hoje ela não vem, viu?

Escuta: embora melhor fora que assim não fosse: América era a mãe, outrora esposa, filho, ouviu?

DULCÍDIO

Sonha, o homem.

AMÉRICA

Chove no teatro circular.

*(Para a técnica)* Por favor, apaga a geral do picadeiro.

O sol lentamente vai quedando... Mais suave Seu Controlista. Assim...

Ela o come o adormecido, assim...

Vai engolindo-o aos poucos,

da cauda até a cabeça, sem ruído nem mastigar forte,

cuidadosa de não despertá-lo,

para que ele não leve

uma impressão ruim.



*Dramaturgia: Amaury Borges*

*Belo Horizonte 2004/2005*